



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 1, jan.-abr. 2022

REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS COM DEFICIÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE SOBRE ASAS DO JOEL



REPRESENTATION OF CHARACTERS WITH DEFICIENCY IN CHILDREN'S LITERATURE: ANALYSIS ON JOEL'S WINGS

Martha Milene Fontenelle CARVALHO
Universidade Regional do Cariri, Brasil

Verônica Maria de Araújo PONTES
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 15/08/2021 • APROVADO EM 23/04/2022

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise da representação de um personagem com deficiência intelectual presente no livro de literatura infantil *Asas do Joel*. O livro selecionado faz parte do acervo de sugestões para leituras do PNLD literário de 2018. O objetivo consiste em analisar a representação do personagem Joel, do livro de literatura infantil *Asas do Joel* publicado no material do PNLD literário 2018. E, diante disso, refletir sobre as possíveis implicações dessa representação para discussão na perspectiva no campo da educação inclusiva, que contempla e considera as diferenças e a diversidade. Para atingir tais objetivos a análise se deu a partir da pesquisa bibliográfica. Fundamentando nossa

pesquisa, utilizamos Azevedo (2014), Carrasco (1998), Colomer (2003), Figueira (2017) e Piza (1991). Os resultados da análise ratificam a necessidade de um cuidado minucioso à elaboração de personagens com deficiência, já que irão transmitir várias informações que podem ou não auxiliar no processo inclusivo. Em “Asas de Joel”, apesar de algumas terminologias ultrapassadas para se reportar à pessoa com deficiência como alguém que era visto como incapaz, esquisito, diferente, ao mesmo tempo, também pode visualizar a contribuição de uma amizade para um bom desenvolvimento de um personagem que tem deficiência intelectual. A superação, a coragem e a lealdade frente a situações que os personagens são expostos ficam evidentes no decorrer da narrativa.

Abstract

This work presents an analysis of the representation of a character with intellectual disability present in the children's literature book *Asas do Joel*. The selected book is part of the collection of suggestions for readings in the 2018 literary PNLD. The objective is to analyze the representation of the character Joel, from the children's literature book *Asas do Joel* published in the 2018 literary PNLD material. On the possible implications of this representation for discussion in the perspective of the field of inclusive education that contemplates and considers differences and diversity. To achieve these goals, the analysis was based on bibliographical research. To support our research, we used Azevedo (2014), Carrasco (1998), Colomer (2003), Figueira (2017) and Piza (1991). The results of the analysis confirm the need for meticulous care in the development of characters with disabilities, as they will transmit various symbologies that may or may not help in the inclusive process. In "*Asas do Joel*", despite some outdated terminology to refer to the person with a disability as someone who was seen as incapable, weird, different, at the same time, you can also visualize the contribution of a friendship to the good development of a character who have intellectual disabilities. The resilience, courage and loyalty in situations that the characters are exposed to are evident throughout the narrative.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura infantil. Personagem. Deficiência intelectual.

Keywords: Character. Deficiency. Literature. Children's

Texto integral

Introdução

A representação de uma personagem com deficiência em livros de literatura infantil pode ter um forte impacto sobre o desenvolvimento cognitivo, social e cultural de uma criança. A análise de como essas representações estão sendo feitas, mesmo que esse olhar recaia sobre uma pequena parte de um todo, se faz amplamente necessária.

Carecemos atentar para as informações que chegam às crianças nas escolas em todo o Brasil através dos livros de literatura. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que, de acordo com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, passa a considerar também o livro literário enquanto um recurso que irá compor o material didático de muitos alunos em escolas públicas de todo o país.

Salientamos que este material poderá ser um importante instrumento para o professor ter acesso a um conjunto de obras literárias no seu cotidiano escolar, incluindo discussões que contemplem a inclusão e a diversidade.

O presente artigo é um recorte da tese de doutorado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). A ideia da escrita da tese, apresentada aqui parcialmente, e o desejo de pesquisa-la, está interligada com a nossa caminhada docente na perspectiva da educação inclusiva, contemplando o ensino no Atendimento Educacional Especializado (AEE), a nossa atuação enquanto brailista e ainda professora da disciplina de Sistema de leitura e escrita em Braille. O caminhar também se encontra envolto de experiências e sentimentos relacionados à pessoa com deficiência com as quais compartilhamos vivências e angústias frente ao processo ainda excludente.

Propomos apresentar um trabalho que possa dialogar com o mundo literário e a representação de personagens com deficiência. Nesse contexto, elaboramos o seguinte objetivo geral, que consiste em analisar a representação do personagem Joel, com deficiência intelectual, do livro de literatura infantil *Asas do Joel*, publicado como sugestão de leitura no material do PNL D literário 2018. E, diante disso, refletir sobre as possíveis implicações dessa representação para discussão na perspectiva no campo da educação inclusiva que contempla e considera a as diferenças e a diversidade.

Através dos referenciais teóricos e do livro selecionado, escolhemos para realizar esta pesquisa dentro da abordagem qualitativa, onde compreendemos expressarem profundidade os dados referentes à pesquisa. Para atingir tais objetivos, a análise se deu a partir da pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Fundamentando nossa pesquisa, utilizamos Azevedo (2014), Carrasco (1998), Colomer (2003), Figueira (2017) e Piza (1991), dentre outros que discutem a temática.

Como escolha metodológica, o livro foi selecionado através do manual do PNL D literário. O critério de inclusão para escolha era que o personagem tivesse alguma deficiência ou altas habilidades/superdotação, público-alvo este da educação especial. No presente artigo, portanto, apresentamos a análise do livro *Asas do Joel*.

Assim, destacamos a relevância do presente trabalho que visa contribuir com pesquisas no universo literário infantil, compreendendo uma reflexão acerca da representação de personagens com deficiência.

A fim de atingir os objetivos, o presente trabalho foi constituído da subsequente maneira: além desta seção introdutória, abordamos, nas seções seguintes, o conceito e história da pessoa com deficiência intelectual. Posteriormente, dialogamos com o mundo da literatura infantil. A seguir, apresentamos a análise do livro selecionado, *Asas do Joel*, e apresentação do personagem principal: Joel, que tem deficiência intelectual. Por fim, concluímos com as considerações finais.

2 História e deficiência: entrelaçando narrativas

Quantas formas de exclusão e preconceito as pessoas com algum tipo de deficiência já vivenciaram. A pessoa com deficiência faz parte das minorias, vista na maioria das vezes, através de um estereótipo projetado e preconcebido, por não se enquadrarem num padrão ou num modelo preestabelecido. Assim, consoante Bagenstos (2000, p. 420):

Deficiência é uma condição em que as pessoas, por causa do presente ou do passado, são vistas como fora da norma para as instituições da sociedade em que são projetadas e, portanto, possuem menor oportunidade de participar de áreas importantes da vida pública e privada.

Fora de várias oportunidades, os caminhos antigos e atuais nos mostram a história da pessoa com deficiência, apresentando-nos uma supervalorização do corpo e da mente considerados “perfeitos”, levando ao abandono e ao extermínio daqueles que são considerados fora dos padrões.

Em diferentes momentos, houve o olhar atento à pessoa que apresentava alguma deficiência. Olhar esse fortalecido muitas vezes pelo preconceito e exclusão, pois mesmo com todo avanço do conhecimento, o preconceito ainda persiste. Nessa perspectiva, Amaral (1998, p. 21) destaca:

Todos nós, de uma ou de outra forma, já sabemos, um pouco pelo menos, a evolução dos conceitos referidos a condição de deficiência pelas práticas sociais e eles aliados. Ou seja, já sabemos que, decorrentes dos conceitos em vigência em diferentes momentos, ocorrem movimentos de extermínio, marginalização, confinamento, veneração, temores profundos, omissão, pessimismo, paternalismo exacerbado e explícito, paternalismo camuflado, descrédito, segregação, credibilidade, investimento em educação e reabilitação, extermínio novamente, marginalização, pseudo-integração, integração real, luta pela cidadania.

A presença de barreiras e obstáculos sempre esteve presente na tentativa de inclusão dessas pessoas em todos os espaços sociais. Fonseca (1995, p. 20), por sua vez, assevera:

No passado, a sociedade desenvolveu quase sempre obstáculos à integração das pessoas deficientes. Receios, medos, superstições, frustrações, exclusões, separações, etc. preenchem lamentavelmente vários exemplos históricos que vão desde Esparta à Idade Média. A atitude desenvolvida até então, marcada por princípios e valores socioculturais, caracterizava-se por excluir os deficientes do seio da sociedade. Em suma ‘longe da vista, longe do pensamento.

A sociedade em muitas ações continua a excluir, algumas vezes, de forma explícita e, outras, de forma velada. Ao estabelecer padrões, modelos idealizados por uma classe dominante de uma determinada época, que devem ser seguidos,

estão excluindo aqueles que não fazem parte de determinados moldes. Aqueles que não se encaixam em determinados modelos, tamanhos e formas, acabam se sentindo fora desse contexto e conseqüentemente excluídos.

O Decreto n. 6.949 (Brasil, 2009), que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, apresenta um conceito de pessoa com deficiência, reafirmado também pela Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, nesse sentido,

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015).

É preciso conhecer e aproximar-se desses sujeitos, para posteriormente analisar a sua representação em livros de literatura. Definições para esse primeiro momento tornam-se relevantes como forma de nortear o presente trabalho para que possamos em seguida compreender a deficiência em outros acervos, e ainda, mais importante, para que preconceitos sejam transpostos.

O livro escolhido para análise foi *Asas do Joel*, personagem com deficiência intelectual. Anteriormente chamada de deficiência mental, a deficiência intelectual recebeu várias definições ao longo da história. Para Pessotti (1984, p. 25):

Deficiência Intelectual veio substituir conotações e termos errôneos como “débil mental”, “idiota”, “retardado mental”, excepcional, “incapaz mentalmente”, “maluco” ou “louco”, construídos e utilizados por médicos, em determinados períodos históricos da sociedade europeia.

Assimilada a necessária substituição dos termos acima apresentados, torna-se indispensável expor esse sujeito como alguém com condição e capacidade de desenvolvimento, que apresenta como qualquer outra pessoa dificuldades e potencialidades. No contexto atual, ainda poderemos encontrar pessoas presas a ideias do passado, e, por isso, a necessidade em promover pesquisas e conhecimento que colaborem com a transposição de ideias antiquadas, que se referem à pessoa com deficiência intelectual como um sujeito “incapaz mentalmente”, quando na realidade, trata-se de uma pessoa com inúmeras capacidades de desenvolvimento.

Contudo, considerando essas barreiras, essa pessoa acometida pela deficiência poderá apresentar alguns prejuízos em suas capacidades cognitivas:

A deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro. (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 103).

Devido a esses obstáculos, a pessoa com deficiência poderá apresentar dificuldades na aprendizagem, bem como lidar com situações de vida diária, na

concentração e raciocínio para resolver alguns problemas cotidianos como aspectos motores, na sua expressão oral e escrita, entre outros.

Para um completo diagnóstico da deficiência, faz-se necessário o envolvimento de uma equipe interdisciplinar, para analisar os fatores disponíveis, e assim chegar a um laudo conclusivo. Para transpor algumas barreiras, relacionadas ao prejuízo das funções cognitivas, é importante que se efetive um acompanhamento conjunto entre escola, família e outros profissionais para a promoção do seu desenvolvimento e aprendizagem, nas mais diversas áreas. É importante salientar ainda que não existem medidas e receitas prontas para esse trabalho, pois cada ser é único e apresenta suas diferenças e particularidades.

Não existem “receitas” prontas para o trabalho com alunos tanto com deficiência intelectual, ou com outra deficiência, quanto com os sem deficiência. Devemos ter em mente que cada aluno é um e que suas potencialidades, necessidades e conhecimentos ou experiências prévias devem ser levados em conta, sempre. (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 107).

Vale salientar, portanto, que esses obstáculos podem e devem ser transpostos, pela pessoa com deficiência e que é possível a promoção da sua autonomia para a vida comum em sociedade, aconteça de forma satisfatória. Devemos proporcionar possibilidades para que esse pleno desenvolvimento aconteça, dentro do seu próprio tempo e ritmo.

A escola pode ser um importante favorecedor desse processo, tendo esse sujeito como um ser de possibilidades e direitos. Com toda certeza, o debate em torno da deficiência intelectual não se encerra nesse momento. O estudo não se esgota, pelo contrário, apresentamos apenas algumas palavras para motivar e instigar a busca por mais, muito mais do que cada deficiência e seu mundo vasto poderá nos apresentar.

3 A Literatura infantil frente a representação de alguns personagens com deficiência

A literatura infantil é um instrumento de construção do conhecimento. Os livros, portanto, apresentam um amplo caráter formador, torna-se de extrema importância o contato da criança com obras literárias para sua formação, pois, conforme Meireles (1984, p. 12):

Um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida, que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma literatura desinteressada, compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.

No Brasil, no intuito de atender às demandas do público infantil, aproximadamente no final do século XIX, começam a surgir os primeiros livros destinados às crianças e escritos por autores brasileiros. Segundo Zilberman (2005, p. 14-16),

O Brasil daquele período estava mudando de regime político. [...] O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente. É nesse ponto que um novo mercado começa a se apresentar, requerendo dos escritores a necessária prontidão para atendê-lo. O problema é que eles não tinham atrás de si uma tradição para dar continuidade, pois ainda não se escreviam livros para crianças na nossa pátria. O jeito então era apelar para uma das seguintes saídas: – traduzir obras estrangeiras; – adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos; – reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente alunos e estavam se habituando a utilizar o livro didático; – apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas.

As histórias literárias têm o poder de transformar e proporcionar um pensamento crítico, bem como de modificar situações reais de exclusão, esclarecendo e abrindo janelas que ainda apresentam preconceito nos mais variados espaços.

Esse mundo literário possibilita aos seus leitores a reflexão acerca de questões sociais, valores, bem como a capacidade de discutir assuntos que podem passar despercebidos em muitas falas ou ações. Sendo assim, conceituamos literatura como a própria emoção, a enunciação do seu mundo, ou de um novo mundo, e a reflexão inexistente em casa sobre o preconceito, exclusão e injustiça. Conforme Azevedo (2014, p. 35):

De entre os valores, comumente aceitos nas comunidades socioculturais de que fazemos parte, sobressaem a explicitação da presença do Outro, o reconhecimento da sua natureza potencialmente polifônica, o respeito por ele e a sua aceitação – porquanto elemento frequentemente co-definidor do próprio sujeito da enunciação e do seu mundo –, articulados com a explicitação da superioridade dos valores do bem sobre o mal, do amor sobre o ódio e da justiça sobre a injustiça.

A literatura infantil pode ocupar muito desse tempo na infância. Isso significa que ela contribui para a abertura de novos mundos, proporcionando aos seus leitores, viagens nunca feitas, assim como acesso ao conhecimento e novas possibilidades.

As novas concepções de literatura para a infância aos poucos ganham espaço, avultando a valorização das obras com temas amplos e diversos, incluindo a caracterização de personagens com deficiência. Para Figueira (2017, p. 100):

Dentro todo o universo das personagens da Literatura Infantojuvenil, formou-se um grupo bem significativo de personagens que quase sempre passou despercebido por nós, mas hoje é motivo de muitos estudos e discussões: as personagens que representam as deficiências, a vida e a realidade dessas pessoas. Como e com quais artifícios elas são construídas? Quais as imagens, influências e valores culturais que essas personagens repassam às crianças e adolescentes? Quais suas contribuições (ou prejuízos e armadilhas) que trazem, ou poderão trazer para o nosso acervo cultural? O que está sendo feito e escrito por pesquisadores brasileiros na área da Psicologia Social? E quais os cuidados que os autores devem ter ao trabalharem com a temática.

Os personagens que apresentam suas particularidades e diferenças começam a se fazer presentes nesse espaço, podendo contribuir e influenciar a transmissão de valores em torno da diversidade humana, bem como podem apresentar uma realidade distante e até estigmatizada em torno da condição de deficiência, sendo necessário um cuidado especial no trabalho com esses personagens por parte dos autores.

Conforme Dowker (2013) retomando um pouco da trajetória histórica, na tentativa de resgate da representação desses personagens, empreendemos que no período compreendido entre o século XIX e início do século XX, houve publicações de livros clássicos que apresentaram personagens com deficiência. Neste mesmo século, foram publicados outros livros que incluíam personagens com deficiências destinados para o público de crianças e jovens. Os livros apresentavam personagens com deficiência física e intelectual.

Os primeiros registros refletiam a relação entre a literatura e o conhecimento médico (ou ausência dele), bem como uma ênfase sobre a relação dos personagens com deficiência com consequências emocionais e espirituais. A história dos personagens com deficiência também estava relacionada à relação de cura a partir de mudanças de atitudes emocionais e ao caráter. Ainda de acordo com Dowker (2013, p. 1055), temos:

Em muitos livros, a deficiência e a sua cura, quando ocorre, estão associadas ao caráter. Em alguns livros, a cura é o resultado direto de uma atitude mais saudável em relação à vida, frequentemente implicando uma renúncia voluntária ao papel de deficiente. O personagem Colin, em *The Secret Garden* (1911), de Burnett, por exemplo, foi comprometido emocionalmente, passando toda a sua infância entre quatro paredes e convencido pelos criados e por um médico de que seu destino é ser um corcunda, tal qual seu pai, e morrer cedo. Em última análise, Colin é curado através de uma combinação de amizades saudáveis com Mary e Dickon, da

exposição aos efeitos curativos da natureza e do mundo exterior, além da convicção de que ele é, na verdade, saudável.

Ainda, as diferenças ao longo desses registros foram marcadas por cumprirem diferentes funções ao leitor, que perpassam pela comoção, necessidade de aceitação. É perceptível após estudos dos registros dessas representações, entre o século XIX e o século XX, que os personagens com deficiência refletiam suas diferenças históricas e culturais, sendo que cada autor poderá apresentá-los partindo de suas experiências.

Relacionando a literatura infantil brasileira é possível identificar a presença de livros que apresentavam ligações com as representações de personagens e temáticas que abrangiam a deficiência e suas diferenças.

Conforme Piza (1991) e Figueira (2017), os livros catalogados destinados a esse público, a partir da pesquisa exposta acima, representavam personagens com características e aspectos de imagens de pessoas que não tinham a intenção de mudar o futuro que lhes havia sido imposto a partir da deficiência, sendo submissas à vontade do destino sem intenção de mudá-la. Também foi perceptível observar nesses personagens, a dependência a uma pessoa sem deficiência, considerada “normal” para viabilizar a sua existência, além de considerar que para que houvesse uma existência plena e feliz só seria possível dentro de um universo de “normalidade”. Esse tipo de imagem e representação eram comuns nos livros de literatura infantil.

As obras ramificaram-se e, aos poucos, essas representações de pessoas com deficiência ou discussões nos livros literários sobre a diversidade passam a estar cada vez mais presentes.

Aprender sobre a deficiência é útil para a formação do cidadão. Informações fazem parte do conhecimento que deve ser compartilhado como forma de desenvolver a cidadania. Werneck (1997, p. 140) afirma:

Quando o adulto nega a seu filho o direito de receber informações sobre o que ele considera serem anormalidades, praticam uma das formas mais sutis de discriminação. Ao optar por só falar do bom, do bonito e do belo, o adulto vira um deturpador da realidade. Passa a sonegar dados sobre um mundo real “nele estão incluídos as doenças e deficiências” que as crianças percebem como sendo parte do mundo delas mas que nós insistimos em ignorar ou esconder.

É nesse processo que mais uma vez pensamos a literatura infantil como forma de não omitir dados desse mundo real, com pessoas com deficiência que também são representadas nas histórias levando informações necessárias e corretas. “A literatura infantil me possibilitou levar informação correta sobre temas relacionados à deficiência para crianças” (WERNECK, 1997, p. 147).

Incluir obras que contemplem personagens com deficiência para apreciação e leitura dentro do espaço escolar é pensar na literatura para transformação, e possibilitar a compreensão da diversidade humana. Nesse sentido, Figueira (2017.p. 139) menciona:

Acreditar em uma literatura em prol da pessoa com qualquer outro tipo de deficiência, é o mesmo que acreditar e defender uma literatura que transforme. Principalmente na literatura infantojuvenil, a qual possa ajudar as crianças a entenderem a complexidade e as diversidades humanas.

Além da escola, que deve ser responsável por dinamizar e possibilitar o acesso à leitura das crianças, pensando na valorização dessas diferenças, encontramos na figura do professor outro importante aliado para possibilitar progressivamente, através das leituras, o crescimento e ampliação da criança e seu conhecimento em relação à compreensão na diversidade e respeito.

4 O PNLD literário para caminhos de inclusão escolar

No contexto escolar, a presença de livros literários que contemplem em suas propostas a diversidade pressupõe um estímulo e disseminação de práticas inclusivas, intervindo na organização de ideias para a transposição de preconceitos e atuando para uma transformação social.

Para tanto, tivemos em 2018, um evento importante no auxílio de nossa proposta de transformação escolar para inclusão. Evento esse, executado pelo Ministério da Educação, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD - sendo um programa que visa auxiliar na disponibilização de materiais didático-pedagógicos para a prática educacional, atuando na distribuição e aquisição de livros didáticos para as escolas públicas de todo o país.

Pensando em fomentar o acesso à informação e à leitura para as mais diversas escolas em 2018, foram aprovados materiais como o primeiro conjunto de obras de literatura infantil para os anos iniciais do ensino fundamental, abordando vários temas e, dentre eles, o debate acerca da diversidade e o combate ao preconceito, bem como a representação de personagens com deficiência:

Este material que agora está sendo disponibilizado constitui o primeiro conjunto de obras literárias disponibilizadas no novo formato do PNLD. Cada uma dessas obras foi analisada por professores(as) de diferentes trajetórias, dentro das áreas de Letras e de Educação, com destaque para professores(as) da Educação Básica. (BRASIL, 2017, p. 1).

O material do PNLD literário constitui um documento com várias obras de literatura infantil destinados a escolas públicas de todo o país, devendo estas, selecionar as obras de acordo com a necessidade e realidade do contexto escolar.

Através da leitura, faz-se possível encontrar múltiplas possibilidades e a representação de diversas realidades, potencializando novas descobertas e ampliando seu repertório cultural. Consideramos que as disponibilizações dos livros possibilitarão aos alunos o acesso ao conhecimento acerca dos mais diversos temas, podendo solucionar questionamentos e dúvidas que vão surgindo no desenvolvimento da criança sobre vários aspectos, que são contemplados nos temas citados. A possibilidade de abranger essa diversidade torna-se fundamental no processo de consolidação de leituras literárias.

5 Análise do livro *Asas do Joel*

A presença de personagens com deficiência em narrativas leva à construção de novas possibilidades, que poderão reelaborar a visão de mundo do leitor, remodelando a sociedade, e tornando-a mais sensível e aberta a tudo que é considerado novo e diferente.

Dessa forma, faz-se necessário um cuidado minucioso à elaboração de personagens com deficiência, já que irão transmitir várias informações que podem ou não auxiliar relações de pessoas com e sem deficiência, dependendo da forma como é exposta.

Nesse sentido, escolhemos, dentre em várias propostas disponíveis pelo PNLD-literário, a obra intitulada *Asas do Joel* (CARRASCO, 1998). A narrativa de Carrasco (1998), *Asas do Joel*, tem o ano de edição em 1998, com um total de 63 páginas. O gênero da história está enquadrado em um Conto, conforme Brasil (2018). Como personagens principais, temos Pedrinho e Joel. Identificamos ainda a presença de outros personagens como Ana Carolina, Haroldo e outros colegas de brincadeiras de Pedrinho e Joel, seu Luís, Antônio Carlos, dona Eliete e Dona Magda.

A época em que se passa a história não fica clara, no entanto, o contexto apresentado nas histórias, em que pessoas com deficiência estudavam em “escolas especiais”, remete a outro período da história. O enredo é composto por vários cenários, perpassando pelo interior de uma casa, brincadeiras nas ruas, escola, o campo, entre outras representações.

O livro apresenta a história de Joel, um menino com deficiência intelectual e Pedrinho, seu amigo. O relato começa trazendo ao conhecimento do leitor o mito de Ícaro, herói grego, cujo desejo era voar pra bem perto do sol, mas que foi frustrado, ao ter suas asas derretidas, fazendo-o perder as penas e cair no mar Egeu. A narrativa ilustra o desejo de Pedrinho de voar, como no exemplo da história de Ícaro, tendo, porém, logicamente, a história de Pedrinho um desfecho diferente.

Logo depois, a narrativa apresenta quem é o personagem Joel. O narrador descreve Joel como alguém “diferente dos outros; bobo; jeito esquisito que não era criança, nem gente grande. Usa calças curtas feito criança” (CARRASCO, 1998, p. 8).

Em seguida, a narrativa aponta para a falta de compreensão de Joel com relação a jogos que brinca com os colegas, que parece não entender a dinâmica da brincadeira proposta. A mãe aparece como protetora nos momentos conflitantes. Pedrinho questiona sua mãe sobre o comportamento do Joel, que tenta explicar:

– Mãe, por que o Joel é bobo?

A minha mãe explicou que também não entendia muito do assunto. Diz que em muitas famílias esse negócio acontece. De repente nasce um bebê meio diferente dos outros, com um problema que é mais ou menos assim: o corpo cresce, mas a cabeça não. Quer dizer, não a cabeça que está em cima do pescoço, porque essa cresce normalmente, mas o pensamento continua igual ao de uma criança, pode parar em qualquer idade. Alguns passam a vida pensando e agindo como bebês. Outros já

conseguem aprender a ler, escrever. Tem uns que até levam vida normal, trabalhando quando viram adultos. A minha mãe contou que isso pode acontecer com qualquer um. (CARRASCO, 1998, p. 13).

Apesar da visão inicial, um pouco pessimista sobre o futuro, surge outra questão, quando Pedrinho pergunta à mãe se ele sempre será assim, se não irá ter uma vida independente como fazer faculdade, andar de carro, entre outras situações. A mãe de Pedrinho então responde “Por enquanto, é fogo. Mas que no futuro quem sabe a medicina mude tudo”. A mãe de Pedrinho também diz que Joel é inteligente, que só ficou “meio parado no tempo” e que ele não deveria brigar com o Joel.

Em alguns momentos, o narrador fala que a mãe do Joel não queria acreditar que o filho tinha “esse negócio”. Acreditamos que se referia à deficiência intelectual. Esse fato, de se recusar a nomear a deficiência do filho, denota medo e insegurança, por parte da mãe, em aceitar a realidade e as consequências que essa realidade pode acarretar.

A narrativa segue com um pedido da mãe de Pedrinho, para que o mesmo fique amigo do Joel, que prontamente nega, afirmando “eu disse que nunca, nunca” que se eu ficasse amigo de um bobo daqueles ia acabar virando bobo também”. Em resposta à atitude do filho, a mãe não fala nada. Confessamos que ficamos incomodados com o silêncio da mãe, já que poderia ser um momento de intervir e explicar sobre as diferenças.

A narrativa segue com o plano secreto de Pedrinho para voar, que planeja, após um estudo das asas, pegar penas da galinha que havia na casa do Joel. Então, ele compartilha o plano com Joel, para que o ajudasse a conseguir as penas. Com essa missão de construir asas para voar, Pedrinho percebe a construção de uma amizade com Joel. Mas, a resposta da mãe, que inicialmente pedira para ser amigo do mesmo, agora é outra:

Mas, quando eu fiquei mesmo amigo do Joel, todo mundo estranhou.

- É melhor você brincar com alguém da sua idade - minha mãe avisou.

- Mas, por quê?

- Ele não é muito certo - minha mãe continuou. - Se vocês brigam por exemplo. Ele pode machucar você. O Joel é como uma criança grande, Pedrinho. Só que tem a força de adulto.

Meu pai foi pior ainda:

- Você tem que tomar cuidado. Qualquer dia desses o Joel vai ser internado. (CARRASCO, 1998, p. 27).

Logo a conversa entre os pais e Pedrinho se encerra, e ele fica insatisfeito com a resposta dos pais, pois não haviam explicado o motivo de pensarem dessa forma sobre Joel. Remetemos nesse momento à fala de Werneck (1997) já pontuada anteriormente, em que destaca a importância do diálogo com as crianças, já que é nessa fase que poderemos intervir e gerar adultos menos preconceituosos.

A história narrada também aborda o fato de Joel ter estudado. A mãe desejava colocá-lo na escola, mas afirmava que a professora não aceitava sua

presença. A mãe então comprava cadernos, que o filho utilizaria posteriormente para desenhar “mal para burro”, conforme Pedrinho.

A história também aborda outras formas de preconceito e zombarias que Joel sofreu, como quando foi posto ao ridículo por diversos colegas. Relatamos nesse momento, uma situação em que Joel fica no meio de uma roda, tentando “plantar bananeira”, e como não conseguia, sempre caía, enquanto todos riam dele. Pedrinho emite sua opinião sobre esse episódio ocorrido *“Eu achei uma safadeza da turma rir dele daquele jeito”*.

Passada a situação na qual Joel é exposto ao ridículo por seus colegas, ele ajuda a colar as penas, dando continuidade ao plano de Pedrinho. As asas ficaram prontas e Pedrinho pede a Joel ajuda para alçar voo. Mas os dois acabam se desentendo, pois para Pedrinho, Joel tem ações inadequadas durante a tentativa do voo. Quando ele cai, chama Joel de bobo, várias vezes e diz que ele foi o responsável por estragar seu plano. Após a briga, Joel some, deixando todos preocupados. Pedrinho tenta pensar onde ele poderia estar, mas acaba chamando novamente o amigo de “bobo”. A dona Carolina, mãe do Joel, tenta explicar para Pedrinho sobre o Joel:

– Ele é bobo, sim, Pedrinho. Retardado. Mas eu gosto dele. É meu filho. Sabe, Pedrinho, quando ele nasceu era igual a você. Bonitinho. Mais tarde eu vi que era diferente. Que ele ia ser criança a vida toda. Eu passei por tanto médico que você nem consegue imaginar. Eu chorava toda noite, porque eu queria que ele fosse assim, como você. Normal, capaz de crescer e virar alguém na vida. Médico, dentista, advogado [...]. (CARRASCO, 1998, p. 54).

A mãe tenta explicar para Pedrinho que, apesar dele ser “bobo”, ele consegue fazer amigos, como ele. Pedrinho lembrou do campo, que Joel poderia estar lá. Todos saíram correndo à sua procura. Chegando lá, Joel estava no campo e havia concertado as asas, sozinho. Pedrinho correu e abraçou Joel, afirmando ser seu amigo.

A história finaliza, depois de um ano, Pedrinho contando que a sua família havia se mudado, e que Joel iria para uma escola especializada para meninos e meninas como Joel, e que lá tinham o nome bonito para crianças que apresentavam alguma deficiência, “excepcional”:

Dizem que lá o Joel vai aprender uma porção de coisas. Parece que ensinam a desenhar e até escrever. Só que a minha mãe disse que as professoras são umas santas de tanta paciência, porque gente como Joel não consegue aprender muito depressa e alguns ficam bem velhinhos e nunca conseguem! (CARRASCO, 1998, p. 59).

O personagem Joel, que tem deficiência intelectual, ganha características ao longo da narrativa como: usa calças curtas feito criança, vive com uns shorts de elástico, pernocas branconas, características de um pernilongo. Uma criança boba e também inteligente, mas que fica parada no tempo. Sobre Joel, ainda afirmaram

que ele não consegue aprender depressa e algumas pessoas como ele, ficam velhinhas e nunca conseguem.

É pertinente destacar algumas partes da narrativa que hoje, no contexto atual, chamam-nos atenção e nos revela certa preocupação de como essa mensagem chegaria aos leitores nas escolas. Ficam alguns questionamentos nesse sentido: Será que os professores iriam saber esclarecer como as relações eram estabelecidas antes, para pessoas com deficiência e hoje já avançaram? Acreditamos que as características apresentadas através do texto estavam consoantes com o período em que foi escrito, que pode ter sido antes ou no ano de 1998. Naquele contexto, como mencionado no próprio livro, a medicina ainda iria avançar, as políticas públicas na perspectiva de inclusão escolar e não de segregação iriam progredir e muitas mudanças estariam porvir.

Fica evidente a “diferença” de Joel, em relação às suas características relacionadas à deficiência intelectual, e como a sua mãe o tratava e vestia como uma criança, não estando de acordo com a sua faixa-etária. As semelhanças entre ele e as demais crianças não ficam tão claras como as diferenças.

Em outros contextos da narrativa, a ausência de conhecimento sobre a deficiência por parte da família, que se refere como um “negócio” para se referir à deficiência, também se faz presente. Em um momento, contudo, encontramos uma importante fala dita pela mãe de Pedrinho, que deixa claro que algumas pessoas, mesmo com deficiência intelectual, poderiam desenvolver-se e ter uma vida “normal”.

Algumas pessoas poderão apresentar dificuldades relacionadas a atividades de vida diária, algumas irão apresentar um comprometimento maior, e outras menor, e outras conforme mencionado, consegue desenvolver-se e ter uma vida como qualquer outra pessoa.

Ainda na fala acima, verificamos a negação dos pais com relação à deficiência. Isso também é visualizado na prática. Em nossa experiência de seis anos enquanto docente no atendimento educacional especializado, trabalhando com diversos alunos com uma grande diversidade de deficiências, vimos a resistência de alguns pais em compreender e aceitar a deficiência apresentada pelo filho. Destacamos ainda, essa fala como relevante, já que a mãe do Pedrinho afirma que futuramente a medicina poderia ajudar. Nesse contexto, já ressaltamos que de 1998 para 2021, grandes foram os avanços nas mais diversas áreas que auxiliam o desenvolvimento de uma pessoa com deficiência intelectual.

O trecho que segue enfatiza a resistência em fazer amizades com pessoas com apresentam alguma deficiência, como se a deficiência fosse algo contagioso, neste caso, “- você deve ficar amigo do Joel. Eu disse que nunca, nunca! Que se eu ficasse amigo de um bobo daquele, ia acabar virando bobo também.

Permanece até hoje a descrença das pessoas de uma forma geral em relação à pessoa com deficiência intelectual, no que se refere à sua percepção acerca do que acontece à sua volta. Na narrativa, essa visão fica clara, quando Pedrinho afirma: “Eu sabia que ele era bobo. Mas também nas vezes que tinha falado na tal história das asas, me diziam que eu era bobo também. Claro que a bobeira do Joel era de nascença, mas eu achei que pelo menos podia pegar as penas sem o Joel perceber” (CARRASCO, 1998, p. 14).

Outro destaque está na ausência de explicação dos pais para com os filhos, como já visto em outras histórias. Essas questões que são abordadas representam o que realmente deveria acontecer, mas não acontece, entre pais e filhos com relação a deficiência, a entender a diversidade humana como algo positivo, compreendendo o outro a partir das suas necessidades e particularidades. Nessa perspectiva:

[...] antes, todo mundo dizia que eu tinha que ser bem amigo do Joel, porque ele tinha nascido com aquele negócio, e a minha mãe tinha me explicado diversas vezes que eu nunca devia chamar o Joel de bobo.

Mas quando eu fiquei mesmo amigo do Joel, todo mundo estranhou.

- é melhor você brincar com alguém da sua idade - minha mãe avisou.

- mas por que?

- ele não é muito certo - minha mãe contou. - se vocês brigam, por exemplo. Ele pode machucar você. O Joel é como uma criança grande, Pedrinho. Só que tem a força de adulto.

Meu pai foi pior ainda:

- você tem que tomar cuidado. Qualquer dia desses o Joel vai ser internado. (CARRASCO, 1988, p. 26-27).

Há ainda o receio dos pais de Pedrinho na relação dele com Joel, que tem deficiência intelectual. Em nenhum momento, o pai de Pedrinho pede para ele tomar cuidado com o personagem Haroldo, que tem características na história como agressivo ou explosivo.

Outro fator identificado na narrativa, que se arrasta ao longo dos anos, está relacionado à resistência em muitas escolas/professores em aceitar crianças com alguma deficiência, nesse sentido:

Ele nunca tinha estudado, porque, antes de vir morar na minha cidade, quando a dona Carolina quis por o Joel na escola, a professora não tinha aceitado [...] o Joel começou a desenhar um Ícaro. Quer dizer, só eu sabia que era o Ícaro, porque ele desenhava mal para burro. Mas eu o via. Tudo estava lá: o caderno estava cheio de homens com asas, como no livro. (CARRASCO, 1998, p. 30).

Entre as características de Joel, está a sua habilidade em representar uma história contada pelo amigo, apesar dos pontos negativos que ele atribui ao seu desenho. Mesmo assim, fica evidente no texto que a professora não havia aceitado Joel na escola. Atualmente, temos a regulamentação de políticas públicas que dispõe sobre recusar matrículas de pessoas que tenham alguma deficiência, que constitui crime punível com reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos e multa: "I - recusar, cobrar valores adicionais, suspender, procrastinar, cancelar ou fazer cessar inscrição de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, público ou privado, em razão de sua deficiência" (BRASIL, 2015).

Além de recusar, é vedada qualquer tipo de discriminação para com a pessoa com deficiência, que deve estar incluída e que recebe todas as adaptações e materiais necessários para sua inclusão,

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. (BRASIL, 2015).

Outro momento que pode ser destacado tem relação com o sofrimento de Joel ter sido posto ao ridículo por vários colegas. Todos riram dele e da situação que o colocaram. Lembramos da história de Valentin Hauy, retratada por Birch (1990) quando retoma a história de pessoas cegas, sendo colocadas em praça pública, utilizando orelhas de asno, sendo também ridicularizados. Na história de Joel, esse momento é destacado por uma imagem e pelo relato de Pedrinho sobre o acontecimento. [...] acho que nunca vi gente rir tão alto na minha vida! Fui olhar o que era. E até tive um arrepio! Era o Joel, no meio de uma roda, tentando plantar bananeira. E cada vez que ele caía, a turma ria (CARRASCO 1998, p. 32).

Outra situação presente na história relata Pedrinho entrando em uma briga relacionada a Joel. Na situação, Joel aparece como alguém que não consegue defender-se, necessitando de alguém para fazer isto. Na ocasião, inclusive, Pedrinho vira “herói”, ao sair em defesa dos mais “fracos”.

Mas eu virei o herói da rua. Todas as mães foram dizer para a minha mãe que eu era um menino muito bonzinho que defendia os mais fracos. Que era um exemplo! Meu pai, porém não gostou: – você não deve se meter em brigas por causa dos outros – ele disse. (CARRASCO, 1988, p. 35).

Assim como em outras histórias aqui apresentadas e analisadas, há a presença da superproteção dos familiares para com a pessoa com deficiência, diferenciado o tratamento entre os filhos, como podemos observar a seguir:

Contou que ter um irmão como o Joel era muito chato, porque a gente nunca podia conversar direito na casa, e o pai e a mãe dele protegiam o Joel o tempo inteiro. Quando, por exemplo, o Joel rasgava uma revistinha dele, ninguém ficava bravo, mas se ele pegasse as figurinhas do Joel, e o Joel fizesse escândalo, sempre era obrigado a devolver. (CARRASCO, 1988, p. 38).

Destacamos ainda um último momento da narrativa, em que há uma fala de Pedrinho em tom de “novidade”, afirmando a existência de uma escola especializada para meninos e meninas com deficiência, e que seria nesse espaço para Joel iria estudar, e ainda lá, as professoras são umas “santas” de tanta paciência por ter que trabalhar com pessoas com deficiência.

Ao longo do contexto histórico, as crianças que tinham alguma deficiência estudavam em escolas, classes “especiais”. Hoje, sabemos que é um direito, garantido por lei, que estejam como qualquer outra criança na escola regular, recebendo assistência pedagógica, de material especializado, recursos, materiais, atendimentos que necessitar para seu pleno desenvolvimento e autonomia.

Principalmente porque ficaram sabendo que tinha uma escola especializada para meninos e meninas como o Joel. Lá eles tem até um nome bonito para eles, que minha mãe ensinou a escrever: e-x-c-e-p-c-i-o-n-a-l. dizem que lá o Joel vai aprender uma porção de coisas. Parece que ensinam a desenhar a até a escrever. Só /que a minha disse que as professoras são umas santas de tanta paciência, porque gente como o Joel não consegue aprender muito depressa e alguns ficam velhinhos e nunca conseguem. (CARRASCO, 1988, p. 58).

Nesse sentido, na época em que a narrativa foi construída, avanços foram identificados pelo autor, como a presença de uma pessoa com deficiência intelectual na narrativa e como se estabelecia, naquele período, suas relações, perpassando por espaços como família, escola e sociedade. Contudo, preocupamo-nos em relação à escolha desta narrativa para o contexto atual, de como ela seria direcionada e compreendida.

Considerações finais

Os livros de literatura infantil, que tenham propostas inclusivas, sejam com a representação de pessoas com alguma deficiência, ou livros que apresentam essa proposta com temas relacionados à aprendizagem para o processo de inclusão e diversidade, podem servir como um instrumento de compreensão da realidade do outro, auxiliando a desconstrução da representação da pessoa com deficiência como um ser incapaz.

Esta pesquisa propôs analisar a representação do personagem Joel, com deficiência intelectual, do livro de literatura infantil *Asas do Joel* (Carrasco, 1998), publicado como sugestão de leitura no material do PNLD literário 2018. E, diante disso, refletir sobre as possíveis implicações dessa representação para discussão na perspectiva no campo da educação inclusiva que contempla e considera a as diferenças e a diversidade.

Podemos concluir, após análise das questões supracitadas, que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que, de acordo com o Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, considera também o livro literário enquanto um recurso que irá compor o material didático de muitos alunos em escolas públicas de todo o país, torna-se um importante instrumento para o professor ter acesso a um conjunto de obras literárias no seu cotidiano escolar, incluindo discussões que contemplem a inclusão e a diversidade.

Ainda, concluímos que se faz necessário um cuidado minucioso à elaboração de personagens com deficiência, já que irão transmitir várias informações que podem ou não auxiliar relações de pessoas com e sem deficiência, dependendo da forma como é exposta.

No contexto de pensar a escolha da narrativa literária intitulada *Asas do Joel*, selecionada para análise no presente trabalho, revela que, para o contexto atual, uma certa preocupação de como essa mensagem chegaria aos leitores nas escolas, já que fica evidente que o personagem Joel, com deficiência, aparece em alguns momentos da narrativa, enquanto um personagem dependente e incapaz em muitos alguns aspectos da vida, superprotegido, excluído e infantilizado.

Ainda, apesar de algumas terminologias ultrapassadas para o ano em que a obra foi selecionada para o PNLD, para se reportar à pessoa com deficiência intelectual como alguém que muitas vezes era vista como incapaz, esquisito, “diferente”, ao mesmo tempo, também podemos visualizar a contribuição de uma amizade para um bom desenvolvimento de um personagem que tem deficiência intelectual. A superação, a coragem e a lealdade frente a situações que os personagens são expostos ficam evidentes no decorrer da narrativa.

Acreditamos que as características apresentadas através do texto estavam consoantes com o período em que foi escrito, que pode ter sido antes ou no ano de 1998. Naquele contexto, como mencionado no próprio livro, a medicina ainda iria avançar; as políticas públicas na perspectiva de inclusão escolar e não de segregação iriam progredir e muitas mudanças estariam por vir.

Referências

AMARAL, L. A. *Espelho convexo: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo, 1992. 106 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1992.

AZEVEDO, F. *Literatura infantil e leitores: da teoria às práticas*. Braga: Lulu Press, 2014

BAGENSTOS, S. R. Subordination, stigma, and “disability”. *Virginia Law Review*, Virgínia, v. 86, p. 397-534, 2000.

BIRCH, Beverley. *Louis Braille: personagens que mudaram o mundo / os grandes humanistas*. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

BRASIL, Presidência da República. Ministério da Educação. *PNLD 2018: guia de livros didáticos – Ensino Fundamental/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2018.

BRASIL, Presidência da República. *Lei 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015; 7 jul.

BRASIL, Presidência da República. *Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009*. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União, 26 ago. 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 13 fev. 2012.

BRASIL, Presidência da República. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: SEESP/MEC, 2008. Disponível em: http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf. Acesso em: 26 nov. 2015.

CARRASCO, Walcyr. *As asas do Joel*/ Walcyr Carrasco; ilustrações Fê, Alberto Llinares Martin. 2. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

DOWKER, Ann. A representação da deficiência em livros infantis: séculos XIX e XX. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n4/03.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FIGUEIRA, Emílio. *Letras despercebidas – Ensaio sobre as relações Deficiências & Literatura nos anos 80 e 90 que deram origem à Escrita Inclusiva*. São Paulo: Figueira Digital/Agbook, 2017.

FONSECA, Vitor da. *Educação Especial: Programa de estimulação precoce – uma introdução as ideias de Fuerstein*. Porto Alegre, 1995.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. *Esclarecendo as deficiências: aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva*. Jandira-SP: Ciranda Cultural, 2008.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 3. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PESSOTTI, I. *Deficiência mental: da superstição a ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

PIZA, E. Imagens da deficiência na literatura infanto-juvenil: vícios e usos. In: CRUZ, M. *O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil: bibliografia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo – Seção de Bibliografia e Documentação, 1991. p. 17-21.

WERNECK, C. *Ninguém será mais bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Para citar este artigo

CARVALHO, Martha Milene Fontenelle; PONTES, Verônica Maria de Araújo. Representação de personagens com deficiência na literatura infantil: análise sobre *Asas do Joel*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 225-244, jan.-abr. 2022.

Martha Milene Fontenelle Carvalho é doutora em Letras pela UERN. Mestre em Ensino pela UERN. Professora de Braille e Fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Especial na URCA. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade da Universidade Regional do Cariri (NUARC). Membro da banca de aferição para candidatos(as) que concorrem a vagas de pessoa com deficiência da Universidade Regional do Cariri (URCA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2713-2217>.

Verônica Maria de Araújo Pontes é doutora com pós-doutorado em Estudos da criança na área de literatura para a infância pela Universidade do Minho-Portugal. Mestre em Educação e Comunicação pela UFRN. Professora efetiva do IFRN, professora colaboradora do doutorado e mestrado em Letras da UERN e permanente do mestrado em Ensino da UERN/IFRN/UFERSA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2774-4491>.